

Caso de ianomâmi leva a reação internacional

Índia Paulina faz ritual para filha morta por infecção e aguarda cura de segundo filho

BOA VISTA — O filho morto embrulhado, outro enfrentando a infecção hospitalar numa incubadora do Hospital-Materno, a índia Paulina voltou para o país ianomâmi, no Parafuri, deixando alguns políticos brancos muito preocupados.

“Estão chegando a Boa Vista os enviados de organizações internacionais de direitos humanos, alarmados pelo noticiário da morte do bebê ianomâmi”, diz o deputado estadual e médico Lúcio Távora. “Vai recomençar a campanha pela autonomia ianomâmi.”

São 2 mil índios em 9 milhões de hectares que contêm as maiores jazidas de ouro e de minério. Os políticos de Roraima defendem a demarcação das áreas onde estão hoje os ianomâmis. Mas setores da igreja e organizações internacionais de proteção a índios e direitos humanos querem a demarcação contínua, costurando numa linha só todas as aldeias ianomâmis do Brasil e da Venezuela.

Morte ritual — Paulina salvou os filhos gêmeos do sacrifício. Pelos mandamentos dos ianomâmis, deveriam ser mortos. Ela lhes daria uma folhinha que os sufocaria, ou prenderia seus lábios e nariz até matá-los. Depois os penduraria como frutos numa árvore. Tinha um motivo a mais para o infanticídio: com um filho de 3 anos, não poderia sequer engravidar. A sobrevivência dos gêmeos foi comemorada como “vitória total” pela madre Florença,

uma mulata alta, de hábito branco, filha de guianês com brasileira, a “noviça rebelde” de Boa Vista, que percorre com sua moto Honda 70.

Na aldeia do Parafuri, a uma hora e meia de voo de Boa Vista, Paulina vai cremar a filha morta. Das cinzas fará um mingau. E oferecerá porções aos parentes mais próximos. O ritual foi antecipado pelo antropólogo Edgard Dias Magalhães, na Casa do Índio. Ele contou que os ianomâmis só não matam gêmeos se a mãe encontrar mulheres que os queiram, separados, como filhos. Mas é difícil encontrá-las, porque há uma condição: não podem ter crianças de até 3 anos, nem poderão tê-las nos próximos três anos.

“As tarefas destinadas às mulheres permitem que elas cuidem de uma criança por vez”, diz Magalhães. Paulina voltará para o filho que ficou no Hospital-Materno após o ritual na aldeia, que levará alguns dias. Irmã Florença prometeu cuidar deles como mãe. As crianças

ianomâmis chamam de mãe diversas mulheres, como as avós e as tias.

“Na visão de mundo dos ianomâmis, alguns rituais são necessários para a alma sair do corpo”, acrescenta Magalhães. A cremação “lança a alma para um outro nível”. Se ficar presa aos ossos, a alma e todos os parentes sofrerão muito. Nenhum índio esquece do doente que partiu para tratamento. Esperam vê-lo de novo, vivo ou morto. Paulina exigiu a promessa de que o sobrevivente dos gêmeos lhe seja enviado, caso morra. Ela os teve no mato, sobre cinzas de uma fogueira ou dentro de um igarapé, na água, como se fosse um sofisticado parto Leboyer. E cortou o cordão umbilical com uma taquara. (M.R.)

ENTIDADES
ESTRANGEIRAS
ESTÃO
ALARMADAS